

## A POESIA INFANTIL E JUVENIL

### **META**

Apresentar a produção da poesia infantil e juvenil brasileira;

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

realizar leitura crítica de textos poéticos infanto-juvenis, considerando a temática, a estrutura formal e a linguagem das obras.

produzir uma resenha crítica com a finalidade de discutir as funções da literatura infanto-juvenil, em um texto de 30 linhas

estimular a produção de textos poéticos infantil e juvenil.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Fazer a leitura da aula 1, e do Caderno de Teoria Literária, do CESAD, sobre a natureza e as funções da literatura.

## INTRODUÇÃO

Enquanto linguagem que obedece ao impulso da emoção, a poesia exprime realidades próprias do ser humano na sua relação com o mundo, através da harmonia de sons e palavras, e inspirada naquilo que se vive todos os dias – no cotidiano histórico-social, onde adultos e crianças constroem suas experiências de vida, as quais vão fornecer a matéria-prima das composições poéticas que, conforme sua destinação, serão consideradas infantis, juvenis ou para adulto. A poesia dirigida à criança adota os mesmos procedimentos utilizados pela poesia comum: segue o exercício da experimentação e da economia verbal (quebra da discursividade), e a reutilização do folclore e das formas tradicionais de poesia. Mas o gesto moderno de pôr a palavra em na poesia liberdade (sem a obrigação de formular-se na racionalidade da oração: sujeito, verbo, complementos, adjuntos...), deu-lhe melhor expressão poética porque busca o caminho de sua especificidade e mais proximidade da linguagem sintética infantil.

Agora sim, a criança e o jovem conseguem reconhecer-se na literatura. Veem seus interesses, seus sonhos e fantasias, suas experiências comuns de expressão transformadas em linguagem artística.

Trazemos aqui alguns conceitos de poesia. Sabemos que não é fácil defini-la, explicitando de modo completo toda sua complexidade e grandeza. Por isso optamos por oferecer uma série de definições elaboradas por escritores-poetas e críticos literários e fornecida pelo escritor Pedro Lira na obra *Conceito de Poesia 1*: “palavra-coisa” (Sartre), “crítica da vida” (Arnold), mensagem voltada para a mensagem” (Jakobson), “uma alegria eterna” (Keats), “palavras olhando apenas para si mesmas” (Cecília Meireles), “as melhores palavras na melhor ordem”, (Coleridge), “um fingimento deveras” (Fernando Pessoa), “design da linguagem”, (Pignatari), “estrela que leva a Deus” (Victor Hugo), “uma das artes plásticas” (Mario Quitanda), “se faz com palavras não com idéias” (Mallarmé), “emoção recolhida em tranqüilidade” (Wordsworth), “uma viagem ao desconhecido” (Maiakovski), “vivencia e paixão” (Vigny), “palavras postas em música” (Dante), “o que o meu inconsciente me grita”, (Mario de Andrade), “música que se faz com idéias” (Ricardo Reis), “essências e medulas”, (Ezra Poud), “a expressão da imaginação” (Sheley), “a fala do infalível”, (Goethe), “a religião original da humanidade”, (Novallis), “permanente hesitação entre som e sentido” (P. Valéry), “fundação do ser mediante a palavras” (Heidegger), “miragem que em mim mira” (Augusto de Campos), “o autêntico real absoluto” (Novallys), “uma força divina e misteriosa, que age de maneira incompreendida” (Schiller), “a descoberta das coisas que nunca vi” (Oswald de Andrade), “a ida ao fundo do desconhecido para encontrar o novo” (Baudellaire).

Podemos arrolar várias outras possibilidades de definição de poesia, todas adequadas, mas não completas. No entanto, para fins didáticos, podemos dizer que poesia é o processo de criação do poema (ou de outra expressão de arte), é a expressão da mimesis, é o ato de “fazer o poema, o processo de elaboração do texto poético. Diferente do poema, que é um objeto literário, poético. O resultado do processo poético. É uma coisa concreta, material, com vida própria, ao alcance de qualquer leitor. Oferecer ao leitor diferentes visões de mundo, e a possibilidade de formular e exprimir a sua própria visão.

Observando o poema abaixo, verificamos que a expressão “uma vez” nos remete para uma forma narrativa legada pela tradição; a repetição de “uma vez” sugere continuação da “narrativa” e aguça a imaginação do leitor, estimulando-o participar do processo de criação (poesia); a imagem é criada por associação de coisas díspares (vida, voz – morte – volta, faz?); propõe diferentes possibilidades de leitura e se afasta da tradição da poesia versificada, criando ritmo espaço-temporal. (LIRA: 1986, p. 5)

Uma vez  
 Uma fala  
 Uma voz  
 Uma vez uma bala  
 Uma fala uma voz  
 Uma voz uma vala  
 Uma bala uma vez  
 Uma voz  
 Uma vala  
 Uma vez.

Quem consegue passar a diante sem dar uma paradinha para observar, surpreender-se questionar e se encantar com o e pelo poder encantatório do processo poético? Pois isto é uma possibilidade de poesia, entre tantas outras, igualmente “maravilhosas” e capazes de nos disponibilizar um mundo de beleza e de compromisso com a vida.

A poesia tem o mesmo fundamento da linguagem: nomear. Nomeando o poeta dá sentido ao mundo e às coisas. Assim como a linguagem que faz tudo existir pela nomeação. Sem nome as coisas não têm existência. Mas no mundo moderno, a ideologia dominante é quem dá sentido às coisas. Isso se expressa na divisão do trabalho, na ciência, nos discursos ideológicos e no senso comum. O poder de nomear está sendo substituído pelos mecanismos de produtividade. Hoje, a poesia parece ter perdido o seu antigo poder de integrar-se na sociedade, nos discursos correntes da sociedade, e adquiriu a consciência da contradição. Procura sobreviver na sociedade de consumo. Agarrando-se à escrita e até afastando-se da sua origem nas praticas da oralidade. Sua forma de resistência é adotar múltiplas maneiras de sobreviver:



**Jean de La Fontaine**  
(1621-1695)

Nasceu em 8 de julho de 1621, em Château-Thierry, na região de Champagne, na França. Em virtudes de suas fábulas, seu nome ficou gravado até os dias atuais na memória de milhões de pessoas.

Entre 1686 e 1694, La Fontaine publicou sua primeira coleção de fábulas, totalizando doze livros de contos escritos em verso.

- Procura recuperar o sentido comunitário (antigo): poesia mítica, identificada com a natureza e com o folclore (cultura popular).
- Busca o lirismo de confissão, como expressão dos sentimentos, afetos, emoções.
- Procura fazer a crítica direta ou velada da “desordem” estabelecida pelas experiências da modernidade, através da sátira, da paródia e da utopia.

O poeta francês Paul Eluard diz que “O desespero dos poetas advinha de não poderem eles realizar seu sonho de fazer-se entender de todos, encontrar um eco no coração de todos os homens.” E na compreensão do poeta Lautréamont, a poesia deveria “ser feita por todos, não por um.” Mas a poesia ainda é válida para muitos, inclusive como forma contra-ideológica.

Na Europa do séc. XVII a poesia “infantil” aparece nas *Fábulas de La Fontaine*, escritor francês que retomou as fábulas de Esopo, da antiguidade greco-latina. Ele adotou o procedimento poético para atualizar e criar suas fábulas, que passaram a ter a forma versificada do poema e mesmo reproduzindo os interesses dos adultos e não os da criança, foram e são amadas pelas crianças. Certamente por sua linguagem e sua forma que exploram os recursos mais criativos da linguagem, mesmo traduzidas.

Vamos ler uma fábula desse Autor

### O GALO E A PÉROLA

Gonçalves Crespo (Trad.)

Um galo achou num terreiro  
Uma pérola, e ligeiro  
Corre a um lapidário e diz:  
“Isto é bom, é de valia.  
De milho um grão todavia  
Era um achado mais feliz”.

Um néscio ficou herdeiro  
De um manuscrito, e a um livreiro  
Vai à pressa, e fala assim:  
“É bom, é livro acabado.  
Concordo, mas um ducado  
Valia mais para mim!”

(LA FONTAINE, Jean. *Fábulas: Antologia*. São Paulo: Martin Claret, 2005.)

Moral da história: o valor das coisas é relativo. Depende da necessidade e do ponto de vista de cada um.

As *Fábulas* chegaram ao Brasil e foram muito lidas, especialmente na escola, que as utilizou como recursos pedagógicos, como fez com toda literatura escrita para esse fim ou não.

No séc. XIX alguns poetas brasileiros produziram poesia para a infância, mas não privilegiavam os interesses infantis. O poeta Olavo Bilac, por exemplo, dedicou alguma parte de sua obra à criança, envolvendo a infância e o jovem nos ideais políticos e pedagógicos: nacionalismo, moralismo, condutas adequadas em sociedade... Somente a partir da obra de Cecília Meireles, nos anos 60, verifica-se uma experiência nova na produção poética “para” a criança. A publicação da obra *Ou isto ou aquilo* pode-se dizer que nasceu uma poesia que punha a criança no centro do seu interesse: a poesia volta-se para os reais interesses infantis e juvenis. Tematiza suas experiências e sua visão de mundo. É bom lembrar que outra poetisa (mulher), anterior a Cecília, pensou numa proposta mais lúdica, no nível da linguagem, trabalhando o ritmo e os sons de modo a atrair e agradar a criança, em seu livro *O menino poeta*. É a escritora Henriqueta Lisboa que libera sua sensibilidade de mulher para compreender os interesses do outro – a criança.

Mas é com a poesia de Cecília Meireles que se dá a ruptura com uma linguagem e uma postura temática tradicionais, colocando-as bem próximas da criança. Mesmo temas considerados inadequados à infância são tratados com verdade e ternura, de modo a não afrontar a criança ou mesmo o jovem.

A poesia infantil que apresenta valor estético é por excelência, um dos meios de criar novas linguagens e de se respeitar o mundo da criança, que tem uma lógica particular e característica. (PONDÉ: 1982, p. 123.)

Pelo que diz Glória Fialho Pondé, nem toda poesia infantil tem valor estético e também não alcança grande força criativa e pode não estar preocupada com a criança e seus valores, mas com os interesses dos adultos, como ocorreu no início da literatura infantil. A experiência com leitura de poesia mostra que ela, a poesia, de valor estético tem o poder de resgatar o gosto que a criança havia despertado para o texto poético na sua fase de letramento, e que acabou embotado ou mesmo reprimido no próprio processo de aquisição e consolidação de leitura, mal conduzido.

Na maioria das vezes abandona-se a leitura poética substituindo-a pela narrativa, como se isso fosse uma condição para a criança avançar em seu crescimento intelectual e em seu desempenho acadêmico. São enganos ou descuidos pedagógicos que precisam ser evitados ou corrigidos, o que se pode fazer no simples gesto de planejar o trabalho pedagógico de modo criterioso, respeitando o potencial da criança e do jovem e suas práticas culturais, o estado poético natural (não estilizado) já faz parte delas.

Além disso, a visão que a criança tem da realidade é “emocional e simultânea”, ocorre com a poesia, que não coincide com uma organização fragmentada em partes como no texto narrativo (personagens, vários espaços, várias ações, capítulos...). O poema se apresenta como um todo e só tem sentido visto (lido) na simultaneidade de leitura de suas partes.

Exige leitura imediata e total, não se pode guardar uma parte dele para outra ocasião. Assim é a poesia: exige do leitor toda a “doação” de sua atenção imediata e completa, mas torna ao leitor, também de modo imediato e inteiro, o prazer e a alegria de apreender as qualidades poéticas do texto.

Vejamos como se constrói essa imagem significativa para a visão infantil, porque é concreta, familiar, simultânea, total e imediata. O leitor se encanta pela percepção imediata do assunto, da imagem e da linguagem do poema.

### ANOITECER

Ao longo do bazar brilham pequenas luzes.  
A moda do último carro fez a sua última volta,

Os búfalos entram pela sombra da noite,  
onde se dispersam.

As crianças fecham os olhos sedosos.  
As cabanas são como pessoas muito antigas,  
sentadas, pensando

Uma pequena toca no fim do mundo.  
Uma pequena lua desenha-se no alto do céu

Uma pequena brisa cálida  
flutua sobre a árvore da aldeia  
como o sonho de pássaro

Oh, eu queria ficar aqui,  
pequenina.

(Cecília Meireles)

Assim como a criança, a poesia a ela dirigida, feita para ela, tem uma lógica especial que privilegia a imagem. É a lógica da metáfora que faculta ao poema não somente representar a realidade, mas também apresentá-la. Essa realidade é uma coisa concreta: uma aldeia, que surge inteira e acolhedora na consciência do leitor, iluminada pelo poder de síntese da imagem que une elementos diferentes, para criar significação nova, sem que essas palavras percam seus próprios sentidos. Ao contrário, novas possibilidades de sentido lhes são acrescentadas. É o processo criativo, poético, comandado pela emoção, estabelecendo uma lógica diferente daquela elaborada pela razão, que se contrapõe ao pensamento infantil, mas coincide com o dos adultos.

Escritores brasileiros modernos como Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima e Cecília Meireles privilegiaram os temas da infância e do folclore em sua poesia. Afastaram-se de uma sintaxe lógica comum e

exploraram a musicalidade das “palavras em liberdade”. Assim, esses poetas foram ao cerne da questão: fizeram literatura para que a criança pudesse reconhecer-se nela (a literatura), para nela encontrar suas experiências de vida e poder refletir sobre elas. A declaração do poeta Bartolomeu Campos de Queirós mostra seu compromisso ético: “Depois eu descobri que o ato de escrever para criança é um ato de contenção, eu não posso nunca, no meu trabalho para a criança, deixar escorregar toda a minha fantasia. Eu tenho que conter o texto, reduzir o texto para a criança encontrar nele lugar para o imaginário dela. Que é muito perigoso, eu acho, para mim, e eu não aceitaria essa idéia de fazer um texto que eu escrevesse tudo, tudo, tudo da minha fantasia e não deixasse margem para a criança entrar com a experiência dela.” (grifo nosso) (Jornadas Literárias: p. 293-294)

E em *Ou isto ou aquilo*, Cecília Meireles “introduz na poesia brasileira para crianças a leveza, o claro (e simples) jogo de palavras, idéias e situação, o cotidiano, o humor. Tudo, obviamente, encharcado de qualidade literária. Por outro lado, não estará ausente o lirismo mais delicado, a metáfora mais cuidada e, nas entrelinhas, a reflexão/sentimento em tomo da vida e da morte”. (Maria Antonieta Antunes cunha, citada no livro *História e Histórias: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99, MEC/SEF*).

#### OU ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol  
ou se tem sol e não se chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel!  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.

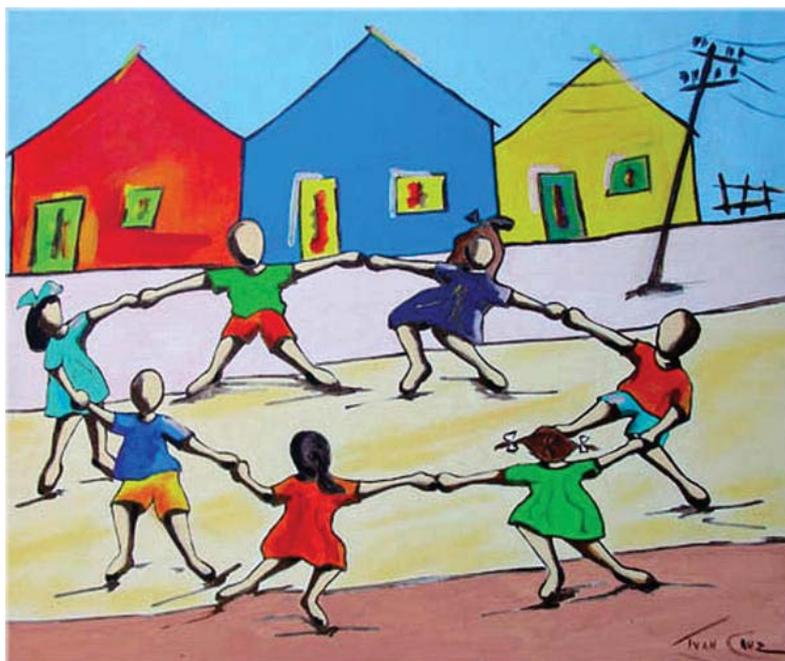
Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

(Cecília Meireles)

Dessa forma, a criança já tem na poesia um elemento a seu favor. Quando então é tomada como centro do processo poético, a identificação é total, com todas as possibilidades de um leitor, de um leitor fiel e autônomo. Livre do domínio do adulto e livre para voar na própria imaginação. Como a poesia, a criança num gesto mágico, transforma, pela palavra lúdica, seu cotidiano em realidade criativa.

As primeiras experiências da criança com a poesia vêm do folclore, na forma de cantigas de ninar, acalantos, cantigas de roda e outras não cantadas. Essas expressões culturais são espontâneas e assim não passam pelo trabalho de elaboração poética, porque não tem um autor que as assine. São do domínio popular (do povo) e atravessam os séculos, iniciando naturalmente, as crianças nos encantos da poesia. Sim, porque são poesia, apesar de não passarem pelo trabalho de elaboração estética de um autor. Na verdade, as formas poéticas populares trazem as marcas de alguma elaboração não datada que se perdeu no tempo.

As cantigas de roda são as formas mais amadas e cultivadas, até na área urbana. Apresentam ritmo variado. Ex: *Olha a rolinha* (4 sílabas poéticas em cada verso com elisão tudo mais).



Olha a rolinha  
Doce que doce  
Caiu no laço  
Doce que doce  
Embaraçou-se  
Doce que doce  
E lá ficou.

(Folclore)

O texto apresenta regularidade métrica, refrão (doce que doce), tônicas na última sílaba do verso (-li,- do, -la, -çou, -cou); crase (olha + a rolinha), não segue esquema rímico, mas rima em alguns versos (doce/doce; embarçou-se/ficou); tem cunho narrativo. Segue a tradição poética.

Ainda esta:

Pombinha branca  
 Que tá fazendo?  
 Lavando a roupa  
 do casamento  
 A roupa é suja  
 É cor de rosa  
 Pombinha branca  
 É preguiçosa  
 (Folclore)

O texto tem as mesmas características do anterior, na forma poética. Mas traz o enfoque da brincadeira de meninas e sua linguagem reflete isso, pelo diálogo e pela escolha das palavras. Parece contraditória: se está lavando a roupa, é preguiçosa? Se não pode brincar por estar ocupada, talvez sim, no olhar da menina que pergunta.

O texto que segue é uma parlenda e retoma a tradição do folclore ibérico.

-Bão Balalão  
 Bão, babalão,  
 Senhor Capitão,  
 Espada na cinta,  
 Gínete na mão.  
 Em terra de mouro  
 Morreu seu irmão,  
 Cozido e assado  
 No seu caldeirão.

A parlenda *Domingo* explora o ludismo com o jogo de “solta e pega” a palavra da brincadeira infantil.

DOMINGO

Hoje é domingo  
 Pé de cachimbo  
 Cachimbo é de barro  
 Bate no jarro  
 O jarro é fino  
 Bate no sino

O sino é de ouro  
Bate no touro  
O touro é valente  
Bate na gente  
A gente é fraca  
Cai no buraco  
O buraco é  
Fundo  
Acabou-se o  
Mundo.

Apresentam esquemas rítmicos, forma versificada e estrófica. E não são elaboradas? Esses procedimentos são próprios do código poético da tradição. A questão é que permaneceram imutáveis, imortalizadas pela repetição, ritual responsável por sua manutenção e resistência, especialmente aonde as transformações econômicas e industriais modernas não chegaram, e ainda dominam as práticas de vida rural.

As formas da poesia “cult” (urbana?) costumam se alimentar dessa matéria folclórica já em ritmo poético. E o leitor infantil, jovem ou adulto, ao se reconhecer nesses ritmos, reconhece também sua identidade cultural. Se o reconhecimento desse material é feito pela escola, de modo sério e inclusivo, é certo que um grande passo é dado para contribuir com a formação de uma consciência cidadã, na criança e no jovem, e até no adulto que cresceu vendo suas marcas de identidade cultural sendo relegadas a segundo plano, pela escola, pelas classes mais favorecidas e instruídas, pelos órgãos culturais e até (incrível!) pela própria comunidade, invadida pelas novas formas da indústria cultural, que por sinal, se apropria desse material para reelaborá-lo a seu modo e “vender” aos seus originais proprietários, de forma nova e atraente, perfumada pelos meios de comunicação.

A arte, a literatura/poesia, quando buscam essas fontes populares, o fazem com intenção criativa, e não dominadora. Buscam o encontro dessas duas modalidades expressivas da cultura para estabelecer um diálogo criativo e transformador, um diálogo capaz de reconstruir sem destruir o modelo.

### **POESIA INFANTO-JUVENIL DE ORIGEM POPULAR/FOLCLÓRICA**

A poesia infantil e juvenil de origem folclórica adota processos livres e populares de criação. Não tem um grau elevado de complexidade discursiva e estrutural, pois não está subordinada a processos acadêmicos de criação, mas funciona como processo de iniciação poética, pois é iniciada no berço, com as cantigas de ninar, os acalantos, as parlendas, adivinhas e cantigas de roda. Os poetas brasileiros modernos têm demonstrado interesse por essas expressões populares infantis. Por exemplo: acalantos, M. Bandeira, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Murilo Mendes.

Vamos ver um acalanto de Manuel Bandeira:

O menino doente  
O menino dorme.  
Para que o menino  
Durma sossegado,  
Sentada a seu lado  
A mãezinha canta :  
\_ “Dodói, vai-te embora !  
“ Deixa o meu filhinho,  
“Dorme ... dorme ... meu ... “  
morta de fadiga,  
ela adormeceu.  
Então, no ombro dela  
Um vulto de santa,  
Na mesma cantiga,  
Se debruça e canta :  
\_ “Dorme, meu amor.  
“Dorme, meu benzinho...  
e o menino dorme.

(Manuel Bandeira)

Boa parte da poesia de Cecília Meireles retoma temas da vida no campo, da natureza, das experiências da criança no seu meio.

Ex: Canção da flor da pimenta, Passarinho no sapé.

#### CANÇÃO DA FLOR DA PIMENTA

A flor da pimenta é uma pequena estrela,  
fina e branca, a flor da pimenta.

Frutinhas de fogo vêm depois da festa das estrelas.  
Frutinhas de fogo.

Uns coraçõezinhos roxos, áureos, rubros, muito ardentes.  
Uns coraçõezinhos.

E as pequenas flores tão sem firmamento jazem longe.  
As pequenas flores...

Mudaram-se em farpas, sementes de fogo tão pungentes!  
Mudaram-se em farpas.

Novas se abrirão, leves, brancas, puras, deste fogo,

(Cecília Meireles)

PASSARINHO NO SAPÉ

O P tem papo  
O P tem pé.  
É o P que pia?  
(Piu!)  
Quem é  
O P não pia:  
O não é  
O P só tem papo e pé é.  
Será o sapo;  
O sapo não é  
(Piu!)  
É o passarinho  
que fez seu ninho  
no sapé.  
Pio com papo  
Pio com pé.  
(Cecília Meireles)

Também Vinícius de Moraes encantou-se com esse material poético do espírito infantil. Ex: *Galinha d'angola*, *A casa*.

GALINHA D'ANGOLA

Coitada  
Da galinha-  
D'Angola  
Não anda  
Regulando  
Da bola  
Não pára  
De comer  
A matraca  
E vive  
A reclamar  
Que está fraca:  
— "Tou fraca! Tou fraca!"

(Vinícius de Moraes)

A CASA  
Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada

Ninguém podia  
Entrar nela não  
Porque na casa  
Não tinha chão  
Ninguém podia  
Dormir na rede  
Porque na casa  
Não tinha parede  
Ninguém podia  
Fazer pipi  
Porque penico  
Não tinha ali  
Mas era feita  
Com muito esmero  
Na Rua dos Bobos  
Número Zero.

(Vinícius de Moraes)

### ATIVIDADES

1. Leia o poema Chatice de José Paulo Paes e explique o que caracteriza como poesia infanto-juvenil.



#### CHATICE

Jacaré,  
larga do meu pé,  
deixa de ser chato!  
Se tem fome,  
então vê se come  
só o meu sapato,  
e larga do meu pé,  
e volta pro seu mato  
jacaré!

(José Paulo Paes)

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Releia a aula 1 e a 4, observe as características da obra infantil e juvenil, para fazer uma leitura adequada. Veja ainda a escolha das palavras como matéria da poesia:

2. Pesquise as formas poéticas de origem popular e folclórica (livros, internet) e em seguida comente a importância delas para a renovação da poesia infanto-juvenil brasileira.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Releia as aulas 3 e 4 que lhe dão subsídio para responder a questão proposta, especialmente a aula 4 é interessante para isso. Mais adiante, a aula 7 trata do tema da renovação cultural.

3. Leia o poema *Boneca de Pano*, do poeta Jorge de Lima e:
- Identifique os versos que caracterizam a pobreza da boneca;
  - Mostre os versos que relacionam a boneca com suas prováveis donas;
  - O último verso diz: “Nuinha assim como quis Nosso Senhor”. Que participação pode ter tido Nosso Senhor na situação de vida da boneca e das meninas?

#### BONECA DE PANO

Boneca de pano dos olhos de conta,  
Vestido de chita,  
Cabelo de fita,  
Cheinha de lã  
De dia, de noite, os olhos abertos  
Olhando os bonecos que sabem falar,  
Soldados de chumbo que sabem marchar,  
Calungas de mala que sabem pular.  
Boneca de pano que cai, não se quebra,  
Que custa um tostão.  
Boneca de pano das meninas infelizes,  
Que são guias de aleijados, que apanham  
Pontas de cigarros, que mendigam nas esquinas,  
Coitadas!  
Boneca de pano de rosto parado  
Como essas meninas.  
Boneca sujinha, cheinha de lã.  
Os olhos de conta caíram.  
Ceguinha rolou na sarjeta.  
O homem do lixo a levou, coberta de lama,  
Nuinha assim como quis Nosso Senhor.

(Jorge de Lima)

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Estamos lendo a temática do poema. É importante observar as palavras-chave e as idéias-chave do texto para evitar digressão, e focar o tema com objetividade, pois é preciso justificar o que afirma com elementos do poema.

## CONCLUSÃO

Hoje um grupo grandes de escritores está voltado para o cultivo de poesia infantil e juvenil, e felizmente cada vez mais surgem pequenos e jovens leitores ávidos por leitura dessa poesia. Mas ainda é escasso o trabalho de leitura de professores, que incentivando o gosto por essa prática, atendem a uma demanda de os alunos que a apreciam; aliás, é do que nossos alunos mais gostam, inclusive os maiores, que após a iniciação escolar, estão sempre sugerindo novos recitais e feiras de poesia, com direito a varal e a jogral, mascarados ou não. O dia da culminância é sempre um dia festivo. Então, o problema não é do aluno, infelizmente, temos que admitir que o professor é a excelência na escola, quando ele quer rever sua prática e premiar seus alunos com seu exemplo de primeiro leitor, em sua sala de aula.

Fruto do trabalho experimental ou resultado de busca de pesquisa na cultura popular folclórica, a poesia tem sido instrumento de prazer e de reflexão sobre a realidade. Se no seu nascimento foi preconceituosa e autoritária, hoje assumiu o compromisso de “libertar” e contribuir com a transformação da realidade. Em suas novas tendências, associa-se à defesa do meio ambiente e à educação ambiental, antenada com seu momento histórico e disposta a colaborar com a renovação das mentes e das atitudes, independente da idade do seu leitor.

### RESUMO



A essência da literatura infantil e juvenil é a mesma da literatura tradicional. No entanto, logo após o surgimento daquela, os interesses da sociedade foram determinantes na sua temática, forma e uso. Havia a necessidade de se formar uma massa de trabalhadores que atendesse bem às demandas do momento. Daí a literatura infantil e juvenil ser então vista como um instrumento de capacitação e de formação da criança para um determinado fim. A isso se somava o fato de que o tema era sempre passado sob a ótica do adulto e não da criança. Assim se caracterizou a literatura infantil até o início do século XX, quando alguns escritores começaram a tratar do assunto dando outro tom àquilo que alguns denominavam como literatura infanto-juvenil. Surge nesse momento a poesia voltada para a criança. Por definição ela é igual à outra, mas as palavras escolhidas, o jogo de versos e rimas e a abordagem do tema passaram a circundar o mundo infantil com suas peculiaridades. A imagem e o som passaram a ocupar um espaço privilegiado nessa poesia. A reutilização do folclore, das fábulas e a economia verbal são também suas marcas predominantes. Muitos escritores se destacaram nessa seara e dentre esses alguns brasileiros como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima e tantos outros. O fato, porém, de ter passado por mudanças profundas e positivas há quase um século não quer dizer que a literatura infantil e juvenil já tenha atingido o patamar desejado, pelo menos no que se refere ao seu público leitor. É ainda muito tímida a leitura de romances e de poesias nessa idade. E, infelizmente, esse não é um problema gerado pelas crianças, mas, na maioria das vezes, pelos mestres, pelos educadores, pelo (a) professor (a) dos pequenos leitores. Afinal só se ensina bem o que se faz bem.

### PRÓXIMA AULA



Dando continuidade ao nosso curso na próxima aula discutiremos a importância do professor no desenvolvimento da prática de leitura, o ensino de literatura infantil e juvenil dentro de uma proposta pedagógica direcionada à construção de leitores críticos.

### AUTOAVALIAÇÃO



Após esta aula sou capaz de identificar a temática, a estrutura formal e a linguagem das obras nos textos poéticos infanto-juvenis? Consigo discutir as funções da literatura infanto-juvenil?

Sou capaz de produzir e estimular a produção de textos poéticos infantis e juvenis na sala de aula?

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel. Teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1982.
- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Schwarcz, 2004.
- LA FONTAINE, Jean. Fábulas: Antologia. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- LIRA, Pedro. “Poesia: A transitividade do ser”. In: Conceito de Poesia. São Paulo: Ática, 1986, p. 5
- MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: 1977.
- MELLO, Ana Maria Lisboa Et alii. LITERATURA INFANTO-JUVENIL: Prosa & Poesia. Goiânia: Editora UFG, 1995.
- MORAES, Vinicius de. A arca de Noé. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- PAZ, Octavio. Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SOARES, Angélica. Gêneros Literários. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- TODOROV, Tzvetan et alii. O DISCURO DA POESIA. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- <http://www.comunidadeespírita.com.br/fabulas/biografia%20de%20la%20fontaine.htm>